
UM TAMBOR SÁMI RESTITUÍDO: CULTURAS ORIGINÁRIAS EUROPEIAS E COLONIALISMO NO ÁRTICO

*A RESTITUTED SÁMI DRUM: EUROPEAN ORIGINARY CULTURES AND ARCTIC
COLONIALISM*

Paula Sequeiros

Doutorada em Sociologia (Universidade do Porto, Portugal). Investigadora do Centro de Estudos Sociais, Universidade de Coimbra. Membro da enLeio, Rede de investigação Bibliotecas, Políticas, Leitura. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2069-5631> E-mail: paulasequeiros@ces.uc.pt

RESUMO

A restituição de um tambor sámi confiscado em 1691, em Karasjok, atual Noruega, foi feita no início de 2022. Este bem incorpora significado histórico, cultura e valores próprios, assim como marcas da colonização e das desigualdades no Sápmi. Pode falar sobre a longa colonialidade e a invisibilização racista no extremo norte da Europa e sobre as resistências históricas e processos atuais por justiça e reparação. Avança-se uma síntese bibliográfica sobre a invenção eurocêntrica das raças operada, a partir do centro da Europa, no que visou particularmente as populações sámis, as suas terras e culturas, com demarcações coloniais, patriarcais e capacitistas. Esboçam-se linhas possíveis de intervenção e reconfiguração do trabalho sobre fontes biográficas e bibliográficas que sustentem, alentem e disseminem a incorporação de conhecimento herdado e a transmitir por culturas originárias com reconhecimento e justiça.

Palavras-chave: Culturas sámis. Restituição de património. Objetos de memória. Extremo Norte da Europa.

ABSTRACTS

The restitution of a Sami drum confiscated in 1691, in Karasjok, present-day Norway, was made in early 2022. This good incorporates historical meaning, culture and own values as well as marks of colonization and inequalities in Sápmi. It can talk about the long coloniality and racist invisibilization in the far north of Europe and about the historical resistances and current processes for justice and reparation. A bibliographical synthesis is presented on the Eurocentric invention of races operated from the center of Europe in which it aimed particularly at the Sámi populations, their lands and cultures, with colonial, patriarchal and capacitist demarcations. Possible lines of intervention and reconfiguration of the work on biographical and bibliographical sources that sustain, encourage and disseminate the incorporation of knowledge inherited and to be passed on by originary cultures with recognition and justice.

Keywords: Sámi cultures. Heritage restitution. Objects of memory. Extreme north Europe.

1 A NOTÍCIA DA RESTITUIÇÃO

Ao fim de um longo processo de 40 anos, a reivindicação do Museu Sámi, para a devolução ao território do tambor sámi, confiscado a Poala-Ánde em 1691, em Karasjok, na Noruega atual, foi atendida no início de 2022. Poala-Ánde, ou Anders Poulsson/Paulsson, em sueco, acusado de feitiçaria, teria sido julgado, ao fim de um ano, se não tivesse morrido antes na prisão. A partir dessa mesma área, a imprensa registrou as declarações de Jelena Porsanger, responsável pelo Museu Sámi de Karasjok e membro do Fórum Permanente das Nações Unidas para os Assuntos Indígenas. No momento da entrega do tambor à guarda do museu, declarou sobre o seu significado: “É um objeto precioso para nós, um símbolo da nossa **história**, dos nossos **valores e cultura** – e ao mesmo tempo um símbolo da **colonização** e de relações de poder desiguais”¹ (HIGGINS, 2022, grifos da autora).

Acompanhar a história deste tambor rúnico é uma boa oportunidade para conhecer e entender alguns traços das culturas sámis do norte da Europa, em anos mais recentes, as lutas pela sua afirmação e também as ideias preconceituosas que circulam ainda sobre o Sápmi, produto de uma longa colonialidade e de um apagamento persistente com tonalidade racista.

Por outro lado, a par da crescente literatura de investigação sobre as culturas sámis, a comunicação gerada, em torno das restituições de patrimônio e de restos mortais, e da posse de recursos comunitários (FAUX, 2019), configuram um momento de tomada de voz e de resistência que exige o reconhecimento da samidade nas suas várias expressões linguísticas e culturais. Este será um interessante caso a acompanhar, pelo que proporcionará, para a compreensão de como as instituições de memória (arquivos, museus, bibliotecas), ao repensarem a sua finalidade, podem recriar serviços e informação ao público, com uma orientação claramente descolonial, que não se fica pela simples incorporação de peças no acervo.

Se hoje é mais fácil localizar e ler algumas obras sobre as culturas sámis, e entretanto, se produziram uma série de obras relevantes, não deixa de ser preocupante a continuada pequena disseminação sobre a temática neste outro momento de escrita. Razão adicional pela qual avanço o texto seguinte.

2 O QUE DIRÁ UM TAMBOR? CONTINUAR SEM CRIAÇÃO DE SUBTÓPICO

As palavras que realcei da fala de Porsanger, a abrir, serão os tópicos de análise que abordo e cruzo, neste texto, para refletir criticamente, tanto sobre a exotização e a mitificação de um tambor, por vezes designado como xamânico, como sobre a extração

¹ Não havendo menção expressa em contrário, as traduções são da autora.

colonial operada, a partir de ideias e práticas sámis, e a importância desta restituição, uma e outra operadas dentro do continente europeu.

De seguida, avanço alguma informação sobre a retirada e a restituição de um objeto aparentemente esquecido, escondido do público, mas registado e conhecido da etnografia sueca, pelo menos desde os anos 40 a 50 do século passado. O tambor apreendido em Karasjok configura-se neste processo como sinédoque das culturas sámis silenciadas. Lexicalmente, o bem cultural – parte – é tomado pelo todo que o criou e contém. Para fazer vibrar esse tambor simbólico, requer-se contextualização histórica, social e política, ainda que, para uma breve abordagem, ao todo que ele refere.

Atualizo informação e completo algumas fontes documentais, consultadas a propósito da pesquisa anterior sobre uma biblioteca e arquivo, para a cultura sámi, em 2013, em Jokkmokk, na Suécia, fontes que encerram documentação singular, por vezes única, para essa zona do Sápmi. Este outro escrito, sobre um tambor rúnico, retirado do lado norueguês, e a construção da memória em seu torno, confirma uma experiência de muitos dos constrangimentos sentidos com o trabalho anterior (SEQUEIROS, 2017).

Em 1979, o tambor tinha regressado, ao território originário, apenas a título de empréstimo, na sequência das diligências institucionais, para a restituição do Sámiid Vuorká-Dávvirat, Museu Sámi de Karasjok, e do acordo, para a restituição, assinado entre dois museus noruegueses e o Parlamento Sámi da Noruega. Depositado até então, no Museu Nacional da Dinamarca, este recebera-o da coroa dinamarquesa, que o detinha desde 1694, no Gabinete Real, em consequência da acusação feita a Poala-Ánde. Dado que a região histórica da Finamarca foi governada, durante o séc. 16, pela coroa unificada da Dinamarca-Noruega, Copenhaga foi o destino do objeto simultaneamente suspeito para o poder colonial e alvo de “curiosidade” para a ciência nórdica.

Figura 1 - Reconstituição de áreas comunitárias sámis, séculos 16 a 19



Fonte: Frank Baldus, CC0²

² De Frank Baldus (Ökologix) a partir de mapas de “Samernas liv” de Rolf Kjellström, Carlssons book publishing, Kristianstad 2003. <http://de.wikipedia.org/wiki/Datei:Samebyer.jpg> e de Wolf-Dieter Seiwert

Este e outros tambores sámis semelhantes continham inscrições, com runas nórdicas, caracteres usados por vikings e povos germânicos entre os séc. 3 e 13. Destruídos, expropriados, talvez reapropriados, com outras finalidades, por pessoas que não eram sámis, os tambores foram estudados em detalhe por Ernst Manker (1893-1972), etnólogo sueco e responsável por coleções de arte e pela cultura sámi sobre as quais deixou uma vasta obra escrita (MATTSON, 2014). Num sítio Web (GJERDE, [s.d.]) podemos ver desenhos das peles de vários tambores estudados por Manker. A figura, imediatamente antes do subtítulo *Bowl drums*, corresponde ao tambor de Poala-Ánde, nascido na região de Tornio, no atual Sápmi sueco. A imagem abaixo é de uma reconstituição.³

Figura 2 - Tambor rúnico (reconstituição) no Museu de História da Cultura, Oslo



Fonte: *Category: Sami drums*, Wikimedia Commons, Rune drum 1691 AD, foto de Sandivas

3 SÁPMI E SÁMIS – SABIDOS E DESCONHECIDOS

O Sápmi teve ocupação humana, desde cerca de 10.000 anos, os artefactos sámis encontrados permitem datar a sua presença de aproximadamente 8000 anos (KVARFORDT *et al*, 2005). Sabe-se hoje que as comunidades locais se distribuíam, em boa parte, segundo linhas quase paralelas que marcavam o sistema de assentamento das *siida*, zonas de economia pastoral, como se pode ver no mapa acima. A partir dos finais do séc. XIX, intensificam-se a indústria e a extração de recursos naturais em países mais ao sul. As regulamentações das profissões e as leis da propriedade dos solos excluíram e confinaram os sámis. Tudo isso forçou as populações originárias a procurar áreas cada vez mais a nor-

(Hrsg.): *Die Saami. Indigenes Volk am Anfang Europas*. Deutsch-Russisches Zentrum, Leipzig 2000. Situação nos séc. 16 (Suécia e Noruega), 17 (Finlândia) e 19 (Península de Cola). Disponível em <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=17912651>.

³ https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rune_drum_1691_AD_crop.jpg.

te em busca da sobrevivência das suas principais atividades: pastoreio em transumância, caça e curtimento de peles, pesca, conservação e extração de gordura de animais, de madeiras e produtos florestais (SILVÉN, 2014). A fixação das fronteiras dos estados nacionais escandinavos, com outra lógica geográfica, colidiu com essa organização desde o séc. XVI (KUOLJOK, 1998).

No Sápmi, do início do século passado, ainda persistiam ou eram agudizadas, com variações entre os estados, políticas coloniais extremas que produziram a expropriação de terras, medições antropométricas e políticas eugenistas – a partir da designada “Biologia Racial” –, mas também a cristianização forçada, o disciplinamento através do abandono da língua mãe para crianças e jovens sámis enviados para internatos, as “escolas lapãs” segregadas com currículos diminuídos para “indígenas” e a proibição de determinadas práticas culturais, tais como o *joik* – *yoyk* na forma anglicizada – ou o uso dos tambores.

Alguns humanistas de países ao sul sabiam do povo sámi há muitas centenas de anos e escreveram sobre o território e as gentes desde o início da era moderna. Os termos empregues e as situações narradas estão impregnados de fantasia, como ocorria com vários escritos de história deste período no continente europeu. Contudo uma visão descolonial sinaliza, também, narrativas e termos que são produtores e reprodutores de discriminação. Remeto para obras primordiais que foram fontes informativas exógenas sobre povos e territórios do extremo norte da Europa e que alimentaram escritos circulados entre estudiosos do seu tempo e de muitos outros países. Destaco Damião de Góis e Lineu, dado que as obras desses dois autores tiveram uma disseminação e alcance entre monarcas, hierarquias máximas das igrejas católica e reformada e sobre eruditos em cujas redes transnacionais estavam inseridos. Em datas muito recentes, foram objeto de análise crítica literária e de desconstrução descolonial. Remeto também, de forma breve, para outros autores que se fizeram nomeados por narrativas em torno desta temática “curiosa” em mais de um momento da História.

Sápmi é a designação em sámi do norte para o conjunto de territórios habitado por populações originárias do extremo norte europeu. Boa parte do seu território ancestral, entre os séculos XVI e XIX, foi riscado com fronteiras por monarquias da Europa setentrional, sem cuidar das regiões e movimentações costumeiras. Sob diferentes regimes históricos, o Sápmi tem sido lugar de dominação sobre territórios, corpos, sobre recursos naturais e conhecimento, educação e culturas originárias, por parte de distintos poderes políticos e religiosos e por colonos, tanto quanto se sabe, com intensidade e duração variáveis dentro da Noruega, da Suécia, da Finlândia atuais e da península de Cola, Rússia. Aí se registaram, mais a oeste, povoamentos de colonos provenientes da Noruega, incursões da Holanda, da Inglaterra e da Dinamarca e expedições para a conversão, nomeadamente de clérigos suecos e de monges ortodoxos em áreas mais a leste (KUOL-

JOK, 1998; STORFJELL, 2013). A exploração fiscal teria começado bem antes do séc. XVI, tendo os sámis de pagar impostos a várias coroas, em diferentes pontos e momentos das suas deslocções e em estadias a que estavam obrigados em locais e momentos fixados para as cobranças anuais.

As populações sámis são estimadas em 50.000 a 100.000 indivíduos plurilingues, metade dos quais fala pelo menos uma das línguas originárias. As estimativas populacionais apontam para que 10.000 a 20.000 vivam na Noruega, 15.000 a 20.000 na Suécia, entre 7000 a 7500 na Finlândia e mais de 8000 na Rússia, dos quais 1600 em Cola. Note-se que boa parte das e dos sámis reside fora do Sápmi, em grandes cidades daqueles países.

3.1 Dar nome às populações Sámis

Começo pelo nome Lapónia e pela etimologia que Damião de Góis lhe atribuiu. Na *Deploratio lappiana gentis* – “Lamentação do povo da Lapónia” – declara que *Lappia* significa, em latim, “província inepta ou indolente”, com um frio extremo que lhe não permite receber nem criar frutos (EARLE, 2006, p. 364), e descreve os sámis – *Pilappii* ou *Lappii* – como belicosos, nervosos, de pequena estatura, fazedores de encantamentos⁴. A “Lamentação” é efetivamente um texto que resume o livro *Schondia*, de 1532 de Jacob Ziegler. Deixo desde já a nota de que manuscritos de alguns dos títulos referidos foram partilhados entre círculos restritos de eruditos antes de serem impressos. Assim, uma versão prévia deste texto estava inserida no livro *Legatio David Aethiopiae regis, ad sanctissimum D.N. Clementem papam VII*, impresso em Antuérpia em 1532. A versão mais antiga existente em Portugal consta do catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal (GÓIS, 1532).⁵

Note-se que, durante o séc. XVII, assinala na literatura de várias línguas e origens europeias uma curiosidade sobre o Sápmi, tal como no final do séc. XIX e início do XX se notará “curiosidade” com costumes e saberes originários de um Norte mitificado. Um e outro momento da modernização agrícola e da industrialização contemporânea foram marcados por vagas expansionistas e de apropriação, os quais incentivaram a busca por conhecimento autóctone através de enviados religiosos e políticos dos poderes nacionais vizinhos. Algumas fontes informativas anteriores eram certamente conhecidas dos escritores modernos como passarei a referir.

⁴ *Pilappii* é termo usado também por Caspar Peucer, professor na Universidade de Wittenberg e genro de Melancton, em “*Commentarius de praecipuis divinationum generibus*, Wittenberg: 1560”. Aí descreve o xamanismo dos “lapões” o qual poderá ter tomado da *Historia de gentibus Septentrionalibus* de Olaus Magnus. Cf ASPAAS e GASKI, 2014.

⁵ A forma de referência que uso na Bibliografia, atualizada para as normas de referência portuguesas e brasileiras, está de acordo com os catálogos WorldCat e Bibliothèque Nationale de France e com o estudo de Tom Earle, este mesmo também mencionado nas referências; na BNP, uma edição de 1533 foi catalogada sob autoria de Antoine Augereau, seguindo a ordem impressa no rosto, exprimindo a relação de poder que facilitou a sua publicação; cf. com trabalho de Mário Carreiro igualmente referenciado.

Tácito, na *Germania*, no ano de 98, escreveu sobre os *fenni*, bárbaros que habitavam a norte do império romano. O nome resultou da latinização do germânico *finn* que designava então os sámis (STORFJELL, 2013). Esta é uma das referências mais recuadas no tempo de um erudito, provavelmente reescrita a partir de Plínio, o Velho, e de outros romanos que fizeram registos das guerras imperiais nesse espaço geográfico. Outros nomes encontrados em obras do séc. XVI, em diferentes traduções para o latim, são em português *Lapónia* e *lapões*. Sublinho que são designações exógenas dirigidas a essa ampla faixa territorial e que se constituem como marcas linguísticas com uma, talvez, surpreendente persistência colonial.

Alegando o infortúnio fiscal dos *Lappii*, o estudioso e diplomata português Damião de Góis (1502-1574), *Damianus a Goes* em latim, pede a intervenção do Papa na carta “Lamentação” publicada, em 1540, em Lovaina. Representante da coroa portuguesa e inserido numa rede de eruditos europeus, alimentada pela correspondência trocada, Góis tinha visitado e dialogado na década anterior com vários intelectuais de igrejas da Reforma, tais como Lutero, Melanchthon, ou Erasmo. Na carta, Góis manifestou a intenção de persuadir o Papa a reconquistar a Escandinávia para a influência da Igreja de Roma.⁶

Em 1531, Damião de Góis soube do território, ao travar contacto, com os irmãos Magnus. Johannes Magnus era o arcebispo católico de Uppsala. O irmão Olaus Magnus seria o arcebispo seguinte, no exílio em Roma depois da reforma luterana, e é ele que publica a obra histórica e cartográfica assinada pelos dois (MAGNUS GOTHUS, 1555); (CARTA MARINA, 2022). Sem terem tido visitado o território, a obra dos Magnus nutre-se de fontes terceiras. Igualmente, sem esse contacto, Góis tomou várias informações dessas obras, embora não o declare, num procedimento habitual entre eruditos na Europa da época. A “Lamentação” foi integrada em sucessivas compilações pelo próprio autor e por publicistas, foi ainda traduzida para várias línguas, permanecendo muitas dezenas de exemplares em bibliotecas da Europa e da América. A proliferação de versões e sua genealogia está documentada e contextualizada com detalhe (EARLE, 2006).

A *Lappiae Descriptio*, “Descrição da Lapónia”, composta, a partir das obras dos Magnus, foi inserida, em 1542 e em 1544, por Damião de Góis, no volume *Aliquot opuscula*, “Alguns opúsculos”. Em ocasiões, a narrativa torna-se fantasiosa, no que concerne aos sámis e também aos monarcas suecos (CARREIRO, 2016). No opúsculo *De Pilappiis*, aí incluído, lê-se (GÓIS, 2009):

[...] na arquidiocese Upsalense [...], parte dessa vasta província da Lapónia, [...] habitantes nenhum conhecimento têm das leis de Cristo nosso Salvador, o que em verdade é sequela do torpíssimo interesse de prelados e nobres

⁶ Cf. a 1ª ed. conhecida: Magnus Gothus, Olaus. 1555. *Historia de gentibus septentrionalibus*. Romae: apud Joannem Mariam de Viottis Parmensem. Depositada em The Internet Archive por Darcy Carvalho em 2017. ark:/13960/t7tn2g947.

[...]. Efectivamente, se cristãos fossem, estariam isentos daqueles impostos e tributos com que, como pagãos, são onerados; e graças aos quais a nobreza e bispos se locupletam. Proíbem-lhes, por isso, que se tornem cristãos [...]; e eis porque à fé e religião cristã antepõem esta ganância sórdida e sacrílega, desprezando a salvação de tantas almas e possuindo verdadeiramente umas chaves com que nem eles mesmos entram nem deixam entrar os outros (p. 101).

E entretanto Vós, Sumo Pontífice, sois agora o único que pode curar esta enfermidade; sois Vós quem é capaz de mostrar a este povo os caminhos do Senhor, e fazer com que neles ande rectamente; só Vós conseguireis livrá-lo do inferno [...]. E não há dúvida de que alcançareis tal, contanto que comeceis (p. 103)

Na “Descrição”, Góis menciona a magia praticada pelas “gentes setentrionais” como se tivesse obtido esse conhecimento a partir dos habitantes locais (CARREIRO, 2016).

São tão poderosos nos encantamentos, que entre muitas outras coisas maravilhosas de se contar, as quais eu me abstenho de o fazer, retêm as embarcações a meio do percurso, de modo que não conseguem ser empurradas por nenhuma força dos ventos. Este agravo somente se resolve cobrindo o convés e os bancos das embarcações com dejectos de raparigas jovens, dos quais aqueles espíritos, tal como tomei conhecimento através dos habitantes, se afastam em virtude da sua condição. Lê o Saxão Gramático e verás coisas maravilhosas acerca das feiticeiras e encantamentos dos povos do Norte (p.152).

Dar a conhecer os Sámis e o Sápmi, em publicação monográfica, terá sido o intento editorial de Johannes Schefferus, com *History of Lappland*, tradução do seu original em alemão *Lapponia*, publicado em Frankfurt no ano de 1673. O título inglês, um ano depois, constituiu a primeira obra de antropologia, publicada pela Imprensa da Universidade de Oxford, numa escrita adaptada à audiência do país, e veio a ter ampla influência no meio científico britânico. Schefferus constitui um museu em Uppsalla com objetos retirados do Sápmi (NORDIN; OJALA, 2018). Como figuras de linguagem, negativamente significadas, os sámis foram utilizados, em peças poéticas, teatrais e musicais de vários autores ingleses. Aquela tradução, mais do que uma transposição entre línguas, tornou-se fonte de apresentação dos sámis como “selvagens”, se bem que nobres de carácter, praticantes de bruxaria e gente que se mantinha “possuída pelo demónio”, não “conhecendo Deus nem ordem” (BURNETT, 2019).

Os sámis, reais e concretos, sendo os Outros, não se encaixavam como sujeitos em ideários coloniais, pelo que se lhes negou ancestralidade e uma “terra sua” e se lhes atribuíram origens exóticas: foram associados aos Irlandeses por um académico de Oxford (BURNETT, 2019, p. 145), a pigmeus por estudiosos escandinavos (KOERNER, 1999, p. 57), a mongóis numa História do Mundo de H. G. Wells (MATTSON, 2014, p. 320). A

similitude existia na apreciação colonial, que via essas populações como súbditas do Império e ignorantes ou primitivos que recusavam a civilização. Note-se que Góis propiciou apreciação idêntica, nos *Opuscula*, ao juntar peças tanto sobre sámis como sobre o Prestes João das Índias e o reino da Etiópia sob os traços comuns do “exotismo”.

3.2 “Aplicar a natureza à economia e vice versa”

Lineu (1707-1778), *Carolus Linnaeus* (também grafado Linnæus ou germanizado como Carl von Linné), cientista e sacerdote, conduziu uma expedição, em 1732, com fins económicos, científicos e religiosos no Sápmi, promovida pela Sociedade da Ciência de Uppsala e sob a autoridade da coroa, que encimava o estado e a igreja protestante sueca. Aí compôs taxonomias para a botânica, a zoologia e para a espécie humana, separando a raça branca das de “natureza selvagem”. Partindo de uma seleção de especificidades observáveis, nas espécies e meio envolvente, publicou o *Systema naturae*, a partir de 1735, e em edições sucessivas, assim como cartas e diários da viagem ao Sápmi. Os dados foram teorizados e comunicados, através de um sistema de classificação hierárquico, que separa as espécies, as ordena e as descreve.

Figura 3 - Frontispício do livro *Flora Lapponica* (1737) de Carl Linnaeus



Fonte: Domínio público, Wikipédia

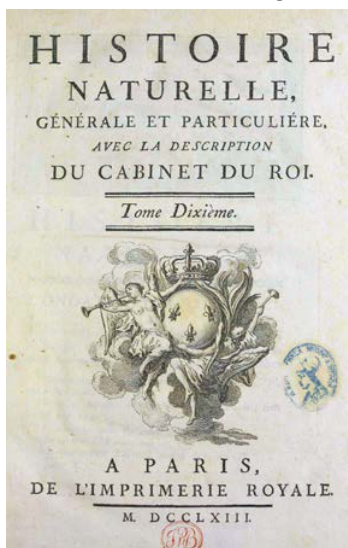
A preocupação com a economia de territórios inexplorados ficou demonstrada em escrita sobre a atividade lineana. A pretensão e as sucessivas experiências de Lineu,

para aclimatar, em solo sueco, plantas procuradas no comércio internacional, para fins alimentares, têxteis, tintureiros, medicinais, para aí as cultivar é explicada pelo próprio: “Imaginem então que grandes províncias se não adicionam através disto à nossa terra” (KOERNER, 1999, p. 73). A declaração desvela em simultâneo como, além da terra e das plantas, os cientistas do seu círculo buscavam extrair conhecimento das e sobre as populações e sobre as suas técnicas de cultivo e transformação

4 INVENÇÃO DAS RAÇAS: MODERNA, EUROCÊNTRICA, GENDERIZADA

Nesta secção do artigo, enfocarei, sobretudo, obras e autores que narraram os sámis de modo marcante na História das ideias e do colonialismo. A invenção e teorização das raças ocupou pensadores da modernidade da Europa do centro, e as trocas entre as suas ideias têm sido comentadas, como para o caso de Buffon. Na “História Natural, geral e particular” em trinta e seis volumes, publicados de 1749 a 1789, escreveu a propósito de sámis e alguns tártaros: “os homens [...] parecem ter degenerado da espécie humana [...] as mulheres são tão feias como os homens, e assemelham-se tanto a eles que as não distinguimos a princípio” (STUURMAN, 2007, p. 28). A edição de 1763 do volume X apresenta um frontispício de simbolismo marcante: um globo terrestre encimado pela coroa real e inscrito com as flores de lis, símbolo da monarquia francesa, ladeado por dois anjos com trompetas, unindo alegoricamente o céu e Terra. O subtítulo “com descrição do Gabinete do Rei” remete para os Gabinetes de Curiosidades, análogos a este que Buffon usou e que existiram desde o Renascimento europeu por iniciativa de membros da realeza, clero ou nobreza.

Figura 4 - Frontispício da *Histoire Naturelle* de Georges-Louis Leclerc de Buffon, 1753



Fonte: Biblioteca digital do BEIC, Domínio público, disponível em https://pt.wikipedia.org/wiki/Georges-Louis_Leclerc,_conde_de_Buffon

Com termos e conceitos que foi alterando com o tempo, Lineu criou uma das mais difundidas classificações para diferenciar seres vivos, humanos incluídos. Dividiu a categoria *Homo* em várias espécies, classificadas por princípios, como a cor da pele (europeus brancos, americanos vermelhos, asiáticos amarelos e africanos negros), o costume e a moral, e pelo gênero, se o modo de vestir, a ocupação ou a emocionalidade dissidisse do padrão patriarcal. Veio ainda a publicar, na décima edição do *Systema naturae* de 1759, a categoria residual *Homo Monstrosus*, para outros humanos pagãos de corpos “deformados” (KOERNER, p. 57), onde foram incluídos os sâmis, marcados por Lineu e discípulos pela pequena estatura – tal como escrito por Góis – e por serem “hiper-emocionais”, de natureza “inferior” (BRAIDOTTI, 2017), no que Lineu parece ter acompanhado Buffon numa visão colonial e patriarcal. Note-se que Lineu, diferentemente de outros cientistas, viveu entre os sâmis durante a expedição e a eles recorreu como guias no terreno. Registou mais tarde, em diários e missivas, as experiências quotidianas, junto desse estranho povo “mais inocente” que qualquer outro que vira (cit. por KOERNER, 1999, p. 58). Noutra ocasião, e em oposição aos diários, caracteriza os sâmis como selvagens que carecem de disciplina estatal e religiosa (KOERNER, 1999). A propósito do *Systema naturea* Troy Storfjell reflete, com ironia: “se o Sâpmi é um paraíso do Éden, então Linnaeus é o seu Adão, investido do poder de nomear as suas plantas e animais” (STORFJELL, 2013, p. 568).

De modo ambivalente, Lineu fez-se retratar com vestes sâmis, um tambor rúnico expropriado e a flor do Ártico que recebeu o seu nome, *Linnaea borealis*, como se pode ver na Figura 3. Com a escrita e com esta postura, por um lado, granjeou legitimação como cientista pelos seus pares continentais e pelas suas redes de relação. A estas últimas pessoas, apresentava-se formalmente, com aquela indumentária, investido de “suedicidade exótica corporizada e autoridade para o exprimir aos europeus” (KOERNER, 1999, p. 58). Por outro lado, assumiu os valores do estado-nação sueco, num momento em que este impunha a sua autoridade de modo crescente. Da perspetiva da colonialidade econômica e científica moderna na Suécia, os sâmis constituíam-se como desafio, tanto ao continuarem a desconsiderar as fronteiras, nas suas relações sociais e ocupacionais, quanto ao se manterem num estado visto como de “improdutividade” (HAGEN, 2014). A mudança de olhar de Lineu, na análise perspicaz de Greggor Mattson (2014), decorreu de uma dupla necessidade da ciência do estado-nação, em usar um seu Outro, cristalizado no tempo e desumanizado. Assim, apresentava a Suécia, como modelo de modernidade, para os europeus, ao mesmo tempo que retirava dos “seus lapões”, posicionados como predecessores selvagens do império, a ancestralidade simbólica requerida para essa pretensão dentro do continente.

Uma nota ainda sobre a história da antropometria e da eugenia nesta parte da Europa, Anders Adolf Retzius (1796-1869), considerado um iniciador da medição dos crânios (anos 1840), baseou o seu estudo em sâmis. Defendeu que o índice encefálico

permitia separar as raças do norte das do sul da Europa (SAURA, 2020). Um filho de Retzius continuou esse trabalho e com Fürst publicou dados da “antropologia física” das raças nórdica, sámi e da que designa “finn”⁷ e atribuiu superior qualidade à primeira, caracterizada como dolicocefala (RETZIUS; FÜRST, 1902). Herman Lundborg (1868-1943) partiu desta teoria e transportou-a para a medicina e para a biologia racial, com a pretensão de controlar a degeneração da espécie humana, pela hereditariedade de certas doenças (LUNDBORG, 1913). Entre os anos 10 e 20 do século passado, escreveu vários livros, com sentido eugenista, e veio a encabeçar o instituto do estado sueco para a “biologia racial”. Defendeu um aumento seletivo da população, através de indivíduos portadores de pureza e boa saúde, ou seja, sem deficiência, para obstar a misturas com indesejáveis que deviam ser expurgados (LUNDBORG; LINDERS, 1926). É conhecida a polémica sobre as leis de esterilização e a sua aplicação, seguindo teorias eugenistas, entre os anos 30 e 40, tanto na Dinamarca, como na Suécia, na Noruega e na Finlândia para a esterilização de mulheres “indesejáveis”. Para o território russo são referidas práticas similares sem que leis reguladoras fossem publicadas. Como é sabido, vários cientistas apoiaram o desenvolvimento dessas teorias e uns quantos se lhes opuseram, tanto na Europa como noutros países em que a dominação colonial se fazia sentir. O ênfase que pretendo colocar é na sobre-exposição ao olhar nacionalista, racializador, patriarcal e classista de que as populações sámis foram alvo, em momentos iniciais desta história sombria, e no uso dos seus corpos em mapeamentos discriminatórios persistentes (MATTSON, 2014; MACEY, 2009; SAURA, 2020).

5 ORALIDADE, ESCRITA, CONHECIMENTO

O *Muitalus sámiid Birra*, “Uma narrativa sobre os Sámis” de 1910, o primeiro livro de autoria e em língua sámi, é singularmente eloquente. Baseou-se em contos orais tradicionais e em textos de Johan Turi (1854-1936) que o ilustrou também (PALTTO; KUOKKANEN, trad., 2010). Na edição seguinte, animado pela boa receção, o xamanismo é mencionado. Narra um episódio, em torno do uso de um tambor, que evita descrever, recorrendo antes a uma resposta, com dissimulado humor, dada à autoridade que interpela o seu portador. Turi, segundo entendo, desenvolveu, no *Muitalus*, uma estratégia narrativa central: da cosmovisão e do saber e conhecimento ancestrais criou imagens que serão permeáveis, familiares, ou surpreendentes, estranhadas, numa polissemia distintamente, lida de acordo com os enquadramentos culturais, sámis ou não, permitindo pontes de entendimento. Assim o fez com a proximidade entre as várias espécies, que usa na metáfora sobre uns “animais” desconhecidos que levam vida difícil, na sua própria terra, e que reciprocamente se transmutam de não-humanos em

⁷ Segundo Mattson, 2014, p. 330, tratar-se-ia da categorização conhecida também como *sámis do mar*

humanos (SVONNI, 2011). O narrador recorre a uma fina ironia, contestando a opressão e a invisibilidade, e evitando a associação a paganismo ou bruxaria. A sensibilidade e posicionamento políticos, presentes na narrativa, serão patentes, mais tarde, ao intervir na vida associativa e partidária sámi. Copélie Cocq, na sua análise seminal, reforça duas vertentes do *Muitalus*: ganhar voz, por sobre o silêncio, empoderar ao revocar a história e a condição próprias (COCQ, 2008). Assim se entenderá que Jelena Porsanger defenda que Turi merece reconhecimento acadêmico, como o primeiro docente, logo no início do século, a ensinar árbediehtu (árbi património, herança; *diehtu*, conhecimento). A partir de uma epistemologia sámi, o conceito exprime um olhar combinado sobre o tempo contínuo e sobre o conhecimento herdado e a transmitir. Árbediehtu é “tanto informação como processo, enfatiza diferentes maneiras de ganhar, atingir ou adquirir” conhecimento e “indica laços indissolúveis entre o passado, o presente e o futuro” (PORSANGER, 2011).

Um das palavras para registrar que o *joik*, forma artística sámi composta por música, canto-palavra dita e performance, é uma narrativa que invoca pessoas – conferida à criança nascida e que lhe sobrevive –, animais, paisagens e elementos naturais, como o vento. É considerado “uma arte de recordar” outrem (STOOR *et. al.*, 2021) e só ganha existência dentro da comunidade que o cria e faz atuante. Em *joik* se conservam algumas muito antigas narrativas europeias, anteriores ou posteriores, ao contacto das comunidades sámis, com outras culturas do norte. Arquivos sonoros históricos propuseram-se conservar esses registos em coleções como a *Ája*, em Jokkmokk (SEQUEIROS, 2017). Algumas criações mais recentes, tradicionais ou não, passaram à escrita e à gravação de som e vídeo. O *joik* é, como tal, um veículo de memória, oral ou não.

Quanto às línguas, algumas notas: o grupo linguístico fino-úgrico engloba os vários sámis: a oeste os sámis do Norte, de Lule e de Pite, de Ume e do sul; a leste o Inari, Skolt, Akkala, Kildin e Ter. Estas línguas foram fortemente atingidas, desde o início do séc. XIX, por políticas de assimilação na cultura e na educação, o que redundou na perda de muitos falantes e de algumas línguas, e ainda de formas de escrita próprias. Estima-se que haja cerca de 25.000 pessoas que falam sámi na Noruega. Cada estado nórdico tem desenvolvido diferentes políticas, para a língua, na Noruega, há medidas para reabilitar as línguas, com menos falantes, através do seu ensino em jardins de infância (HARLIN; OLLI, 2016).

6 RESTITUIR, REPARAR

Uma coleção de objetos da “Lapónia” fez parte da “Grande Exposição dos Trabalhos da Indústria de Todas as Nações”, exposição que teve lugar em Londres em 1851. O historiador e etnólogo norueguês Ludvig Kr. Daa liderou a comissão, para selecionar a coleção provisória e outra destinada a ser exibida em Oslo, no Museu Etnográfico Norue-

guês, criado em 1894 e dirigido por ele. Defensores dos direitos indígenas reivindicaram a repatriação dos objetos desde o início do século passado. É nessa sequência que o grupo de trabalho desse museu e do de História Cultural de Oslo concerta em 2012 que metade das coleções seja restituída a seis museus sámis, acordo que envolveu o *Sámediggi*, o Parlamento Sámi da Noruega (WEEN, 2021). Recorde-se que a expropriação e destruição se estendeu dos tambores a julgamentos por bruxaria e a lugares sagrados funerários e de veneração (NORDIN; OJALA, 2018).

Também na cultura material se registam as consequências das políticas de assimilação colonial. No espaço norueguês, os sámis da costa marítima sentiram-nas intensamente. Objetos patrimoniais sámis foram colecionados por sacerdotes, professores e estudiosos nórdicos e europeus e inseridos em fundos com o intuito histórico de afirmação dos estados-nações e de superioridade de uma Europa *pura* (NORDIN; OJALA, 2018). Como tal, passaram à inexistência junto das comunidades que os produziram. Permanecem ainda em instituições que não fazem parte da “área sámi contemporânea”, as quais, contudo, poderão ter tido um papel na sua preservação em momentos críticos como saques e destruição feitos por nazis durante a 2ª Guerra Mundial (HARLIN; OLLI, 2016, p. 58).

A dispersão, pelo continente Europeu e Americano, de imagens e objetos artísticos e literários desemparelhados dos contextos de criação e significação prístinos fez-se também, a partir de oficinas de objetos decorativos e de mobiliário, na Alemanha e Países Baixos. Sámis, e antes ainda, indígenas americanos, africanos, chineses foram mercantilizados como *motivos* estéticos esvaziados do conteúdo próprio e alimentaram uma “geografia imaginária da primeira modernidade do mundo e dos seus povos” (NORDIN; OJALA, 2018, p. 119).

Como investigação, sámi e descolonial tem argumentado, os bens materiais são relevantes para a reconstituição do património material e imaterial (LEHTOLA, 2005). As línguas beneficiam da proximidade entre falar e observar bens como um tambor, uma peça de cerâmica ou *duodji* (artesanato tradicional sámi) e os objetos ganham em significado histórico e atual pelas trocas tornadas possíveis entre referentes e palavras, entre usos e representações materiais e linguísticas (PORSANGER, 2010).

Aqui se insere, aliás, o debate sobre a finalidade dos tambores, sobre a qual Hagen produz uma visão crítica: “para os sámis o tambor era um instrumento de orientação e de adivinhação que percutiam para atingir os fins desejados” (HAGEN, 2008, p. 233). As atividades declaradas pelos adivinhos consistiam em prever e mudar o tempo, buscar objetos perdidos, sarar, antever as sortes, absolver pecados e não implicavam o transe xamânico – deslocação do espírito separado do corpo – nem o êxtase místico a que têm sido associados. Provavelmente tal deveu-se à influência de histórias desenvolvidas noutros territórios e em décadas anteriores. Tão pouco entende este autor que se possam associar às “caças às bruxas” as quais derivarão de narrativas de missionários do séc. XVIII. As acusações de “bruxaria da Lapónia”, como ficou conhecida em literatura doutros países, terão recaído

maioritariamente sobre homens e os documentos dos tribunais mencionam muitas pessoas insubmissas frente ao poder religioso, político e fundiário (NENONEN; TOIVO, 2014). A conotação negativa deverá ser antes procurada nas sucessivas visões sobre os sámis que as sociedades antigas e modernas da Europa desenvolveram sobre esse povo (HAGEN, 2008), como detalhado em secção anterior deste artigo.

A restituição do tambor a Karasjok constitui não só uma oportunidade de preservação, como de (re)significação, no contexto originário, ou seja, de dotar de voz plena um bem silenciado ou a cuja voz a narrativa colonial foi sobreposta.

Não existem ainda sinais claros dos efeitos da constituição de Comissões de Verdade e Reconciliação, dentro dos países nórdicos, na sequência do apelo do Conselho Parlamentar Sámi (dos três parlamentos na Noruega, Suécia e Finlândia) em 2017. A Noruega constitui uma Comissão em 2018, a da Finlândia deverá retomar a criação da sua em 2023 e a da Suécia está em fase inicial de preparação. Existe uma história recente de falta de concretização de muitas das restituições já debatidas e reivindicadas na área sámi. Alguns ativistas e cientistas exprimem agora ceticismo ou mesmo desalento quanto à implementação de políticas estruturais de reconciliação (KUOKKANEN, 2020); (GUÐMARSÐÓTTIR; REGAN; SOLOMONS, 2021).

Sem efetivar as expectativas, com políticas de justiça epistémica, com quem e com o quê se relacionará o tambor de Anders? Como e para quem ressoará?

As classes que arrumam as raças ocultam, como a alteridade face, ao padrão eurocêntrico foi elemento construtivo da debilidade e negação ontológicas de gentes (infra-humanas), territórios (desertos e improdutivos) e culturas (ignorantes e fora do tempo). A representação do conhecimento, através de dispositivos de indexação, foi modelada pelo pensamento abissal que divide, hierarquiza e sobretudo anula a existência de culturas e povos do Sul global (SANTOS, 2007). No domínio da documentação, vários autores e temas se catalogaram e indexaram, sob ontologias e epistemologias coloniais, como aborda Georgia Gilbert Gladitz, no tocante a arquivos de instituições que acolheram o eugenismo (GLADITZ, 2022). Aproximações entre as tipologias e classificações racializantes, simultaneamente patriarcais e capacitistas, e as em uso no domínio documental podem esclarecer injustiças globais sociais e cognitivas a reparar (SANTOS, 2007): o intento colonial do centro político-económico da Europa dirigido às suas periferias; o encerramento de cada “classe rácica”, num espaço geográfico nacional, sendo antes o Outro um referente antagonizado para sustentar pureza e supremacia; o emparelhamento a-histórico território-raça, operado pelas ciências modernas colonizadas; a associação do género, da deficiência e da classe no processo histórico de racialização; a inclusão digna de realidades históricas e emergentes de emancipação e resistência sob a forma de novas “Entradas” em sistemas documentais de organização e comunicação.

Pretendi apoiar algumas preocupações de ordem prática na representação do conhecimento, orientadas por uma visão descolonial dentro do campo semântico do

colonialismo e do racismo. As linguagens de uso técnico documental mantêm frequentes grelhas de leitura e interpretação configuradas, por racismo banal e estrutural e pela inércia burocrática, que importam questionar e resolver. Uma aproximação entre as linguagens usadas, em instituições de memória (bibliotecas, arquivos, museus), e estas outras das raças aqui apresentadas poderá constituir um trabalho relevante de justiça epistêmica e social, assegurando a participação significativa de membros das populações racializadas. Nesse âmbito institucional, a bibliografia selecionada, onde dei preferência às obras em Acesso Aberto, poderá ser útil para a informação biobibliográfica de uso interno ou para o público.

REFERÊNCIAS

ASPAAS, Per Pippin; GASKI, Harald. Oassi sámi noaidevuoda birra Kaspar Peucera čállos Commentarius de praecipuis divinationum generibus (Wittenberg 1560): Teakstakritihkalaš hámis jorgalusain ja kommentáraiguin. **Nordlit**, Tromsø, 2014, n. 33, p. 243–258, 2014. DOI: 10.7557/13.3172. Disponível em: <https://septentrio.uit.no/index.php/nordlit/article/view/3172>. Acesso em: 24 jun. 2022.

BRAIDOTTI, Rosi. Signs of wonder and traces of doubt: on teratology and embodied differences. In: PRICE, Janet; SHILDRICK, Margrit (org.). **Feminist theory and the body: a reader**. New York: Routledge, 2017. p. 290–301.

BURNETT, Linda Andersson. Translating Swedish colonialism: the circulation of Johannes Schefferus's Lapponia in Britain c.1674-1800. **Scandinavian Studies**, Salt Lake City, 2019. Disponível em: <https://scholarlypublishingcollective.org/uip/ss/article/91/1-2/134/209165/Translating-Swedish-Colonialism-Johannes>.

CARREIRO, Mário. *A Lappiae Descriptio* de Damião de Góis. **Boletim de Estudos Clássicos**, Coimbra, n. 61, p. 139–152, 2016. Disponível em: <http://impactum-journals.uc.pt/bec/article/view/4990>. Acesso em: 5 out. 2018.

CARTA MARINA. In: **Wikipédia, a enciclopédia livre**. Wikipedia, 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Carta_marina. Acesso em: 28 jun. 2022.

COCQ, Coppélie. **Revoicing Sámi narratives**: North Sámi storytelling at the turn of the 20 th century. 2008. Doctoral thesis - Umeå University, Department of Language Studies, Umeå, 2008. Disponível em: <http://umu.diva-portal.org/smash/record.jsf?searchId=1&pid=diva2:141498>. Acesso em: 1 jan. 2014.

EARLE, Tom. Damião de Góis, *Deploratio lapiannae gentis*: text and translation. **Humanitas**, Coimbra, n. 58, p. 347–367, 2006. Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/28067>. Acesso em: 16 jun. 2022.

FAUX, Frédéric. En Suède, les Samis remportent une victoire historique. **RFI**, Paris, 09 ago. 2019. Disponível em: <https://www.rfi.fr/fr/europe/20200124-su%C3%A8-samis-remportent-victoire-historique>. Acesso em: 28 abr. 2022.

GJERDE, Tor. **Sámi drums**. [s.d.]. Disponível em: <https://old.no/samidrum/>. Acesso em: 7 abr. 2022.

GLADITZ, Georgia Gilbert. “**We were called Low-Grades**”: current archival approaches to the digitization and dissemination of eugenics collections. 2022. Master’s thesis - Uppsala University, Disciplinary Domain of Humanities and Social Sciences, Faculty of Arts, Department of ALM, Uppsala, 2022. Disponível em: <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:uu:diva-478430>. Acesso em: 20 jun. 2022.

GÓIS, Damião de. **Legatio Magni Indorum Imperatoris Presbyteri Ioannis, ad Emmanuelem Lusitaniae Regem, anno Domini M.D.XIII**. Item de Indorum fide, ceremonijs, religione &c. De illorum Patriarcha, eiusq[ue] officio. De regno, statu, potentia, maiestate, & ordine Curiae presbyteri Ioannis per Matthaeum, illius Legatum coram Emanuele rege exposita, ac per Damianum de Gooes Lusitanu[m], hortatu Ioannis Magni Gothi Archiepiscopi Wpsaleñ in regno Sueciae, latine reddita, atq[ue] iam primum typis excusa. Item aliquot Cornelij Graphei, ad eundem Damianum Carmina. Antuérpia, 1532.

GÓIS, Damião de. **Damiani a Goes equitis Lusitani aliquot opuscula**. Lovanii: Ex officina Rutgeri Rescii, 1544. Disponível em: https://digitalis-dsp.uc.pt/bg5/UCBG-VT-20-8-19/UCBG-VT-20-8-19_item1/P55.html. Acesso em: 17 jul. 2016.

GÓIS, Damião de. **Correspondência latina**. Tradução Amadeu Torres. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009. Disponível em: <https://archive.org/details/CorrespondenciaLatinaDeDamiioDeGoisEditadaETraduzidaPorAmadeuTorres/mode/2up>. Acesso em: 7 abr. 2022.

GUÐMARSDÓTTIR, Sigríður; REGAN, Paulette; SOLOMONS, Demaine (org.). **Trading justice for peace? Reframing reconciliation in TRC processes in South Africa, Canada and Nordic countries**. AOSIS: Cape Town, 2021. Disponível em: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:1641146/FULLTEXT01.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2022.

HAGEN, Rune Blix. Witchcraft and ethnicity: a critical perspective on Sami shamanism in seventeenth-century Northern Norway. In: **Writing Witch-Hunt Histories**. Leiden: Brill, 2014. p. 141–166. Disponível em: https://brill.com/view/book/edcoll/9789004257917/B9789004257917_007.xml. Acesso em: 14 mar. 2022.

HAGEN, Rune Blix. Sami Shamanism: The Arctic Dimension. **Magic, Ritual, and Witchcraft**, Salt Lake City, v. 1, n. 2, p. 227–233, 2008. Disponível em: http://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/magic_ritual_and_witchcraft/v001/1.2.hagen.html. Acesso em: 13 mar. 2022.

HARLIN, Eeva-Kristiina; OLLI, Anne May. Repatriation: political Will and Museum Facilities. In: TYTHACOTT, Louise; ARVANITIS, Kostas (org.). **Museums and Restitution: New Practices, New Approaches**. Farnham: Ashgate, 2016, p. 56-70.

HIGGINS, Charlotte. Three centuries on, a shaman’s precious rune drum returns home. **The Observer**, London, 2022. Disponível em: <https://www.theguardian.com/>

science/2022/mar/13/three-centuries-on-a-shamans-precious-rune-drum-returns-home. Acesso em: 13 mar. 2022.

KOERNER, Lisbet. **Linnaeus: Nature and Nation**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999. Disponível em: https://archive.org/details/linnaeusnaturena00koer_0/page/n7/mode/2up. Acesso em: 26 mar. 2022.

KUOKKANEN, Rauna. Reconciliation as a Threat or Structural Change? The Truth and Reconciliation Process and Settler Colonial Policy Making in Finland. **Human Rights Review**, Dordrecht, v. 21, n. 3, p. 293, 2020. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Reconciliation-as-a-Threat-or-Structural-Change-The-Kuokkanen/6c202e195e36b26526490242d82612151413bbe1>. Acesso em: 29 abr. 2022.

KUOLJOK, Sunna. **La historia sami**. Kiruna: Sametinget, 1998.

KVARFORDT, Karin *et al.* **The Sámi: an indigenous people in Sweden**. Kiruna: National Sámi Information Centre, 2005.

LEHTOLA, Veli-Pekka. “The right to one’s past”. Sámi cultural heritage and historical awareness. In: LÄHTEENMÄKI, Maria; PIHLAJA, Päivi Maria (org.). **The North Calotte: Perspectives on the Histories and Cultures of Northernmost Europe**. Inari: University of Helsinki, Publications of the Department of History, 2005. p. 83–94.

LUNDBORG, Herman. **Medizinisch-biologische Familienforschungen innerhalb eines 2232 köpfigen Bauerngeschlechtes in Schweden** (Provinz Blekinge). Jena: Gustav Fischer; 1913.

LUNDBORG, Herman; LINDERS, Frans Josua. **The Racial characters of the Swedish nation**: Anthropologia Suecica MCMXXVI. Uppsala: Almqvist & Wiksells, 1926.

MACEY. Rethinking Biopolitics, Race and Power in the Wake of Foucault. **Theory, Culture & Society**, London, v. 26, n. 6, p. 186–205, 2009. DOI: 10.1177/0263276409349278. Disponível em: <http://tcs.sagepub.com/content/26/6/186>. Acesso em: 16 out. 2013.

MAGNUS GOTHUS, Olaus. **Historia de gentibus septentrionalibus**. Romae: apud Joannem Mariam de Viottis Parmensem, 1555. Disponível em: <ark:/13960/t7tn2g947>. Acesso em: 5 abr. 2022.

MATTSON, Greggor. Nation-State Science: Lappology and Sweden’s Ethnoracial Purity. **Comparative Studies in Society and History**, Cambridge, v. 56, n. 2, p. 320–350, 2014. DOI: 10.1017/S0010417514000061. Disponível em: <https://www.cambridge.org/core/journals/comparative-studies-in-society-and-history/article/abs/nationstate-science-lappology-and-swedens-ethnoracial-purity/425CB241EFB9D541109B4916E789E12D>. Acesso em: 26 mar. 2022.

NENONEN, Marko; TOIVO, Raisa Maria. Challenging the Paradigm of Witch-Hunt Historiography. In: NENONEN, Marko; TOIVO, Raisa Maria (org.). **Writing Witch-Hunt Histories**. Leiden: Brill, 2014. p. 1–16.

- NORDIN, Jonas M.; OJALA, Carl-Gösta. Collecting, connecting, constructing: Early modern commodification and globalization of Sámi material culture. **Journal of Material Culture**, London, v. 23, n. 1, p. 58–82, 2018. DOI: 10.1177/1359183517741663. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1359183517741663>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- PALTTO, Kirsti; KUOKKANEN, Rauna (trad.). Publishing Sámi literature: from christian translations to Sámi publishing houses. **Studies in American Indian Literatures**, Lincoln, v. 22, n. 2, p. 42–58, 2010. DOI: 10.1353/ail.2010.0008. Disponível em: http://muse.jhu.edu/content/crossref/journals/studies_in_american_indian_literatures/v022/22.2.palitto.html. Acesso em: 13 mar. 2022.
- PORSANGER, Jelena. An Essay about Indigenous Methodology. **Nordlit**, Tromsø, n. 15, p. 105–120, 2004. DOI: 10.7557/13.1910. Disponível em: <https://septentrio.uit.no/index.php/nordlit/article/view/1910>. Acesso em: 23 mar. 2022.
- PORSANGER, Jelena. Self-determination and indigenous research: capacity building on our own terms. *In: Towards an alternative determined development*. Baguio City, Philippines: Tebtebba Foundation, 2010, p. 433-446.
- RETZIUS, Gustaf; FÜRST, Carl M. **Anthropologia Suecica**: Beiträge zur Anthropologie der Schweden. Stockholm: Aftonbladets tryckeri, 1902.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 78, p. 3–46, 2007. DOI: 10.4000/rccs.753. Disponível em: <http://rccs.revues.org/753>. Acesso em: 14 maio. 2014.
- SAURA, Anssi. Race biology. **Hereditas**, United Kingdom, v. 157, n. 1, p. 48, 2020. DOI: 10.1186/s41065-020-00161-x. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s41065-020-00161-x>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- SEQUEIROS, Paula. The Sámi Library, North of the North: colonialism, resistance and reading in a public library. **Sociologia: revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, n. 34, p. 115–134, 2017. DOI: 10.21747/08723419/soc34a6. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/32178/>. Acesso em: 26 mar. 2022.
- SILVÉN, Eva. Constructing a Sami cultural heritage: essentialism and emancipation. **Ethnologia Scandinavica**, Lund, v. 44, p. 59–74, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/8962486/Constructing_a_Sami_Cultural_Heritage_Essentialism_and_Emanicipation. Acesso em: 21 mar. 2022.
- STOOR, Krister *et. al.* Complex Yoiks – A time traveller: Aboriginal oral traditions among the Sámi in Sweden. *In: Arctic yearbook 2021: Defining and mapping the Arctic: Sovereignties, policies and perceptions*. Akureyri: Arctic Portal, 2021. p. 563–589. Disponível em: <http://urn.kb.se/resolve?urn=urn:nbn:se:umu:diva-190154>. Acesso em: 30 jun. 2022.
- STORFJELL, Troy. The ambivalence of the wild: figuring the Sámi in pre-colonial and

colonial discourse to the eighteenth century. *In*: KAJSA ANDERSSON (org.). **L'Image du Sápmi**: vol. 2. Örebro: Örebro University, 2013. p. 540–575.

STUURMAN, Siep. Cosmopolitan egalitarianism in the Enlightenment: Anquetil Duperron on India and America. **Journal of the History of Ideas**, Philadelphia, v. 68, n. 2, April, p. 255–278, 2007. DOI: 10.1353/jhi.2007.0016.

SVONNI, Mikael. Johan Turi: first author of the Sámi. **Scandinavian Studies**, London, v. 83, n. 4, p. 483–490, 2011. DOI: 10.1353/scd.2011.0018. Disponível em: http://muse.jhu.edu/journals/scandinavian_studies/v083/83.4.svonni.html. Acesso em: 3 jan. 2014.

WEEN, Gro. The emergence of value in the process of the Sámi repatriation : Bååstede. *In*: **Museums, societies and the creation of value**. London: Routledge, 2021. p. 48–62. DOI: 10.4324/9781003139324-4. Acesso em: 26 jun. 2022.

Recebido/ Received: 02/07/2022

Aceito/ Accepted: 10/07/2022

Publicado/ Published: 30/08/2022